

## MEMÓRIA, CULTURA E PODER NA SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO<sup>1</sup>

Olga Rodrigues de Moraes VON SIMSON  
(Professora da Faculdade de Educação e  
Diretora do Centro de Memória da UNICAMP)

**Resumo:** O presente artigo busca discutir os diversos tipos de memória, apontando tensões e possibilidades investigativas. Para tanto, busca relacionar memória, cultura e poder.

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.).

Existe uma *memória individual* que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado.

Há também aquilo que denominamos de *memória coletiva* que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de *lugares da memória* que são os memoriais, monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

Como contrapartida, ou outro lado da moeda, existem as *memórias subterrâneas ou marginais* que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma determinada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do *método biográfico ou da história oral* criam as condições para que elas venham emergir e possam então ser registradas, analisadas e passem a fazer parte da memória coletiva de dada sociedade. Elas

<sup>1</sup> Uma versão ampliada deste texto foi publicada na coletânea *Arquivos Rumos e Voltas: Reflexões, Questões para a História da Educação*, organizada por Luciano Mendes de Faria Filho – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passados de geração a geração.

Na sociedade ocidental atual, o *ritmo acelerado do trabalho urbano* somado à *facilidade e rapidez dos meios de comunicação* (criados pelos constantes avanços tecnológicos) colocam o homem comum frente a uma quantidade avassaladora de informações. Tais fatos criam para o homem de hoje quase a obrigação de consumir a informação de *forma acrítica*, sem maior *cuidado seletivo*, perdendo-se, portanto, uma das mais importantes funções da memória humana – a capacidade seletiva – que é o *Poder* de escolher aquilo que deve ser preservado, como lembrança importante e aqueles fatos e vivências que podem e devem ser descartados. A perda do exercício desse *poder de seleção* nas sociedades atuais constitui o fator fundamental para a formação do que os profissionais da informação chamam de *sociedades do esquecimento*.

É verdade que nós não nos lembramos de tudo o que aconteceu ou que nos foi ensinado ao longo de nossa vida. Descartamos a maioria das experiências vivenciadas e só retemos aquelas que possuem significado, isto é, são funcionais para nossa existência futura. Yuri Lotman, um semiólogo falecido na segunda metade dos anos 90 que viveu atrás da Cortina de Ferro (sendo por isso suas obras pouco conhecidas entre nós), já dizia que *cultura é memória*, pois é a cultura de uma sociedade que fornece *os filtros* através dos quais os indivíduos que nela vivem podem exercer o seu *poder de seleção* realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras.

Nas *sociedades da memória*, que existiram no passado e ainda subsistem em locais isolados da África, da Oceania e da América do Sul, por exemplo, e nas quais o volume de informação é consideravelmente muito mais restrito, a memória é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, os quais se incumbem de transmiti-la às novas gerações cabendo aos mais velhos, devido a sua maior experiência e vivência, o importante papel social de *guardiões da memória* devido a sua maior vivência e experiência. Cabe a eles a função de transmitir às novas gerações de seu grupo social os fatos e vivências que foram retidos como fundamentais para a sobrevivência do grupo.

Esse papel social dos idosos foi sendo gradativamente perdido ao longo da história das sociedades ocidentais, mas muito mais intensamente, na contemporaneidade, quando cada vez mais se diversificam e se sofisticam os suportes para o registro e manutenção da memória (documentos escritos, imprensa, fotografia, vídeo, discos, CDs, DVDs, disquetes etc.). Esse enorme volume de informações fez surgir instituições especialmente voltadas ao trabalho de seleção, coleta, organização, guarda e manutenção adequada e divulgação da memória de grupos sociais ou da sociedade em geral, nessas novas *sociedades do esquecimento*.

Essas instituições realizam, portanto, hoje, de *forma profissional*, uma tarefa social anteriormente exercida pelos idosos. São elas os museus, arquivos, bibliotecas e centros de memória, que de alguma forma e segundo *critérios previamente estabelecidos* realizam o trabalho de coletar, tratar, recuperar, organizar e colocar à disposição da sociedade a memória de uma região específica ou de um grupo social retida em suportes materiais diversos.

Eixos definidos de pesquisa devem orientar esse trabalho para que ele possa ser bem realizado e sua fixação em suportes tecnicamente escolhidos. Os eixos que orientam o trabalho variam de instituição para instituição e representam o âmago do *exercício de poder* pois correspondem aos objetivos do grupo que os criou e dirige.

Hoje, neste novo século, temos vivenciado, acompanhando um movimento geral da sociedade ocidental, uma forte necessidade de lembrar, quase como a outra face da moeda dos processos de mundialização. Quando se vive de maneira tão acelerada a ponto de sermos impedidos até de “sentir o tempo passar”, como se diz popularmente, *projetos envolvendo a memória* possibilitam aos participantes dos mesmos *habitar esse tempo e vivê-lo plenamente*, numa relação que pode ser criativa e transformadora. Nesses projetos os idosos certamente têm novamente um papel social definido e importante.

Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*<sup>2</sup>, obra precursora no Brasil dos trabalhos científicos que incorporam como fonte de dados para a pesquisa o ato de lembrar, já observava que

<sup>2</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Quatroz, 1979.

a memória não é sonho, mas trabalho. Podemos acrescentar que o ato de lembrar em conjunto, isto é, o ato de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum – e, talvez por isso, conduza à ação. Portanto, a memória compartilhada é tanto forma de domar o tempo, vivendo-o plenamente, como empuxo que nos leva à ação, constituindo uma estratégia muito valiosa nestes tempos em que tudo é transformado em mercadoria, tudo possui valor de troca. Essa memória compartilhada, enquanto desejo latente do homem pós-moderno, que se realiza numa relação não inserida na lógica de mercado, nos leva a construir redes de relacionamentos nas quais é possível focalizar em conjunto aspectos do passado, envolvendo participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social. Nesse processo são utilizados o que chamamos de “óculos do presente”, para reconstruir vivências e experiências pretéritas, o que nos propicia pensar em bases mais sólidas e realistas nossas futuras ações.

Assim podemos perceber que o trabalho com a memória (no qual os velhos têm papel fundamental) não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com muito maior segurança para o enfrentamento dos problemas atuais. Ao permitir a reconstrução de aspectos desse passado recente, o trabalho com a memória também possibilita uma transformação da consciência das pessoas nele envolvidas, direta ou indiretamente, no que concerne à própria documentação histórica, (ampliando essa noção que abarca agora os mais diversos suportes: textos, objetos, imagens fotográficas, músicas, lugares, sabores, cheiros) compreendendo seu valor na vida local, maneiras de recuperá-la e conservá-la. Esse mergulhar conjunto e compartilhado no passado nos faz emergir mais conscientes quanto aos problemas contemporâneos da vida da comunidade estudada e geralmente nos conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes visando sua superação.

Mas os estudos sobre a memória trazem também uma outra exigência. À semelhança de muitas novas áreas de conhecimento, eles exigem uma abordagem multidisciplinar. Para entender o seu funcionamento é preciso valer-se de subsídios de várias disciplinas realizando uma integração de conceitos elaborados em diferentes áreas do conhecimento.

Assim, como vimos, a memória pode ser, ao mesmo tempo, subjetiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas ao nível

do indivíduo) mas também social porque é coletiva (pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmago da sociedade). Só a Sociologia nos permite desvendar esses aspectos da memória.

Sabemos também que ela nunca se apresenta de maneira ordenada ou cronológica, pois funciona através de associações livres entre as vivências e fatos do passado. Necessitamos da Psicologia para compreender esse funcionamento da memória.

O processo de registro dos fatos vivenciados e selecionados como importantes ainda é pouco conhecido, sendo objeto de sérias investigações. Sabemos que ele se baseia nas *sinapses* (ligações eletroquímicas) que conectam o vivido experienciado pelos sentidos com a área cerebral onde se dará o registro. Só as *ciências biológicas* nos ajudam a compreender esse aspecto.

Vimos também que antes que o registro se processe um importantíssimo *filtro seletivo* atuará separando o que deve ser retido daquilo que será descartado, filtro esse fornecido pela *cultura* de uma dada sociedade.

São signos da cultura, desvendados pela *semiótica* que nos permitem uma primeira penetração em tal processo que encerra certamente em forte sentido de *poder*.

Para entender como cultura é memória e memória pela cultura permite exercer um poder *que transcende tanto da política como da filosofia*, fechamos assim a necessária multidisciplinaridade exigida pelo objeto memória.

As instituições-memória realizam a produção racional e organizada de uma *memória perdida*, em vez de se constituírem como depositárias de uma *memória vivida*, a qual só pode existir nos grupos sociais que apresentam intensa vivência coletiva e forte identidade cultural.

Para compensar esse caráter racional e organizado que o trabalho com a memória das instituições-memória precisa necessariamente apresentar, caráter esse que as impediria de captar a riqueza cultural dos fatos sociais, pois se trabalha com objetos que os representam, torna-se indispensável não nos voltarmos para simples vestígios ou documentos isolados, mas elaborarmos conjuntos documentais que nos permitam captar a intencionalidade e o simbolismo do corpo social ao registrar seu passado.

Só dessa forma se pode contribuir para a construção da identidade de um corpo social, pois é fornecendo a ele conjuntos documentais racionais e tecnicamente tratados e realizando uma boa divulgação desse material que tais instituições poderão bem realizar seu papel de guardiãs da memória.

Hoje, pela utilização do método biográfico na construção destes ricos conjuntos documentais são muitas as versões captadas, a partir de diferentes atores sociais, o que nos permite relativizar posições, compreender o contexto político-cultural do período e nuancar com vários tons de cinza um passado que não pode ser reconstruído somente em tons de branco e negro.

#### BIBLIOGRAFIA

---

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. S. Paulo: T.A. Quatro, 1979.

BRITO, Marilza. *Memória e Cultura: Caso de Memória da Eletricidade no Brasil*. Rio de Janeiro, 1989 (Caderno da Memória da Eletricidade: n.1)

FERREIRA, Jerusa Pires. "Cultura e Memória", *Revista USP*; S. Paulo, n° 24, p.115-120, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. S. Paulo: Vértice, Rio dos Tribunais, 1990 (1ª edição 1950).

LACARRIEU, Mônica. "Os dilemas sociais, do patrimônio e as identidades: usos, inflação ou hiperinflação de história". In: *História Oral*, n° 2, junho 1999, S. Paulo, p.135 a 152.

NORA, Pierre. *Les Lieux de Mémoire*. 1. La République. Paris: Gallimard, 1984.